

## A arte da Bwami e de associações correlatas\*

Maria Corina Rocha\*\*

ROCHA, M.C. A arte da Bwami e de associações correlatas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 8: 95-109, 2009.

**Resumo:** *Bwami* é uma associação de caráter político e religioso existente nas sociedades lega e bembe, situadas no sudeste da R. D. do Congo. A associação *bwami* tem sua origem nas tradições dos legas e de grupos correlatos. Ela existe em território lega e bembe e é fundamentada nos mesmos princípios estruturais, embora com divergências marcantes na nomenclatura, nas regras de organização e tipos de acessórios e objetos usados nos rituais de iniciação. Neste trabalho, apresentamos um estudo da produção material relacionada aos rituais de iniciação da *bwami* e de associações similares. Nosso estudo baseia-se na obra de Daniel Biebuyck, especialista no tema.

**Palavras-chave:** Arte africana – Cultura material – Associação bwami – Associação alunga – Associação elanda.

“O que foi bem construído não será derrubado pela chuva”  
(aforismo lega)

Os bembes e os legas têm costumes e tradições semelhantes. Por exemplo, ambos os povos dão grande importância à caça, ao sistema de linhagem e matrimonial e mais ainda aos ritos de circuncisão, diretamente ligados à associação *bwami*, cujos princípios são os mesmos entre os dois povos.

A associação *bwami*, de caráter religioso e político, tem sua origem nas tradições dos legas e de grupos correlatos. Ela existe em território lega e bembe e é fundamentada nos mesmos princípios estruturais, embora com divergências marcantes na nomenclatura, nas regras de organização e tipos de acessórios e objetos usados nos rituais de iniciação.

Entre os bembes, a *bwami*, conforme diz Daniel Biebuyck (1972: 75), constitui uma variação reduzida da associação. Para os bembes, há duas categorias de iniciados. Os principiantes, cujo símbolo relacionado é o chapéu, e os mais experientes, relacionados ao leopardo ou ao tambor. A filiação ocorre, em todos os estágios, por meio de uma série de procedimentos, trocas de bens, pagamentos de taxas e concessão de parafernália. Porém, nenhuma iniciação, nem mudança de estágio acontecem sem a ajuda conjunta do grupo ou sem que o candidato seja moralmente aceito pelos outros membros.

A iniciação seja qual for o grau do iniciado, consiste de vários ciclos rituais envolvendo dança, música e a exposição de objetos naturais, como conchas e caracóis, penas, folhas, couro etc., e manufaturados. Todos eles são mantidos numa certa cabana (Figs. 2 e 3). Os objetos de arte são utilizados somente nos graus mais elevados. Biebuyck (1972: 76) frisa que objetos empregados na iniciação não têm ligação com cultos ancestrais ou a práticas mágicas. Eles são emblemas de *status* e simbolizam a autonomia social de determinada linhagem: são

(\*) Este texto é parte integrante da dissertação de mestrado “Imagens e palavras: suas correspondências na arte africana”, sob a orientação da profa. dra. Marta Heloísa Leuba Salum, defendida em junho de 2007 no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP).

(\*\*) Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – corinarocha@gmail.com.

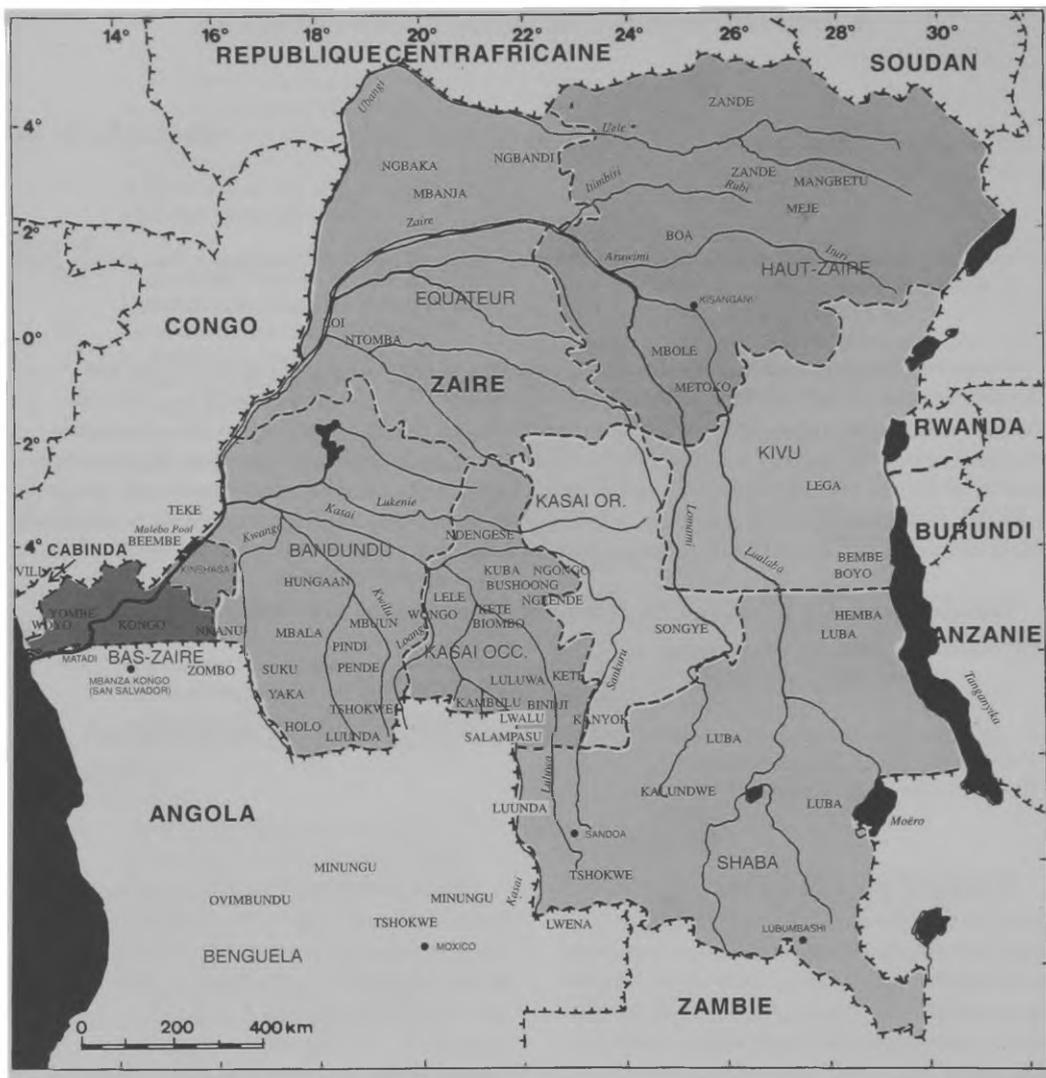


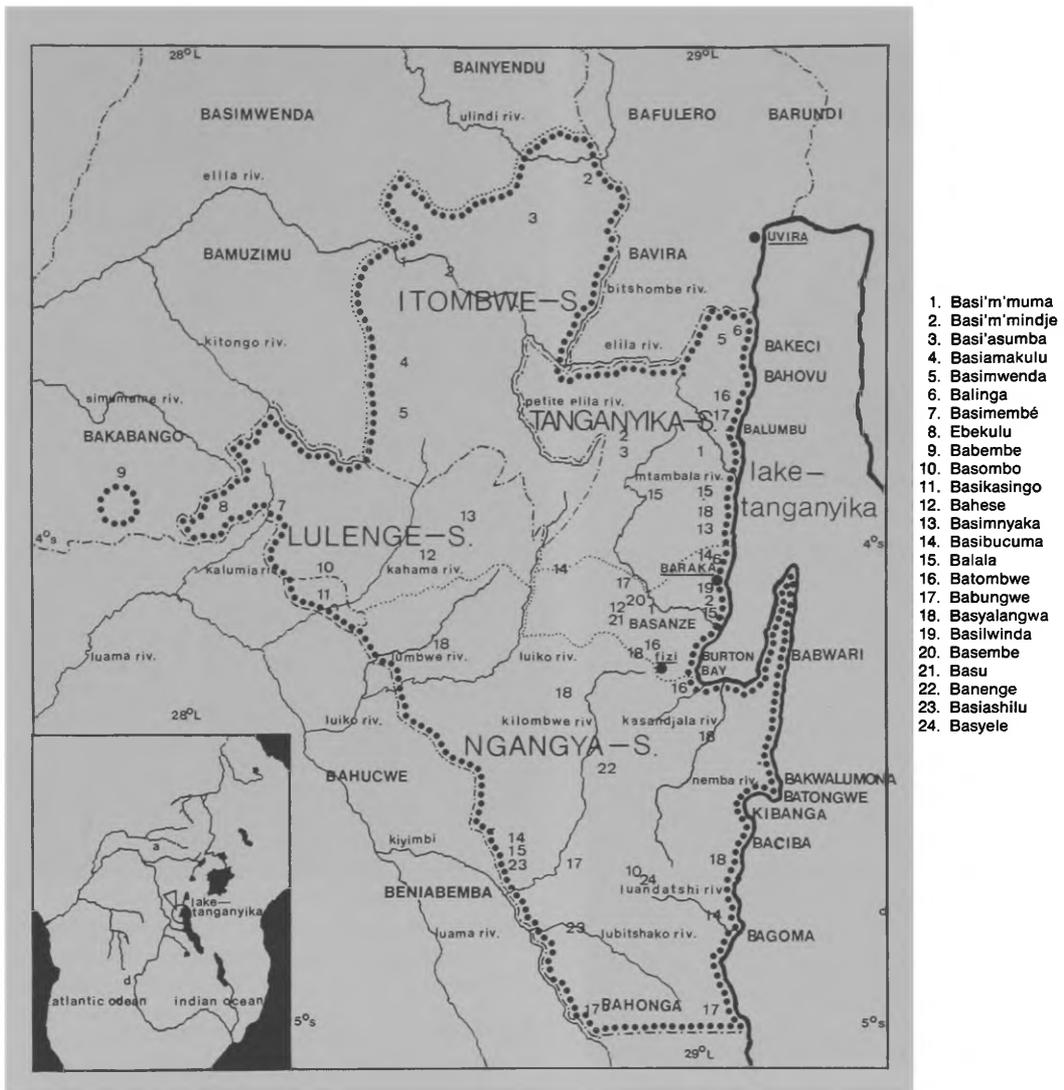
Fig. 1A. Os bembes e os legas estão localizados na região sudeste do Congo (ex-Zaire). Mapa de Didier van Aubel e Jacqueline Renard. Musée de Tervuren, Le Musée Royal de l'Afrique Centrale. © Tresors D'Afrique (1995: 29).

“acima de tudo ícones que auxiliam na compreensão dos elevados princípios filosóficos e morais da associação”.

Nas palavras de Turner (*apud* Roberts 1990:7), a iniciação é uma transformação dramática e cuidadosamente orquestrada do estado de ser jovem para o de ser adulto, ou de ascender a níveis hierárquicos dentro da associação, e da sociedade. Para Roberts (1990:7), a iniciação em geral possui uma estrutura simples de morte e renascimento simbólicos, separados por uma espécie de prelúdio constituído de

mensagens complexas associadas a transformações essenciais. Nesse contexto, os iniciados tomam contato com objetos sagrados, que funcionam como veículos de conceitos, valores e história de seu grupo social e nele a arte desempenha um papel considerável, ao expressar o peso das mudanças pelas quais o indivíduo está passando, como pessoa e como parte da comunidade.

Para Joseph Cornet (1971: 252-258), a associação *bwami*, além de estar no comando da organização política de todos os grupos étnicos legas, também está na raiz da arte produzida



**Fig. 1B.** Mapa do território dos vários grupos denominados basikasingo, ou grupos “pré-bembes”. São populações ribeirinhas do Lago Tanganika. Como aponta Biebuyck, a má interpretação do conceito de “tribo” introduzida na literatura advém de problemas contraditórios entre semelhanças e diferenças culturais com que se defrontou a administração colonial. O mapa mostra o território central dos grupos que são listados como do território bembe e do território boyo, que na verdade são produtos de reagrupamentos por forças externas. Por isso, comparando-se culturas, linguagens ou produção artística, não é possível dizer que esses grupos são homogêneos a partir de sua origem, apesar das aproximações de aspectos das associações iniciáticas. © Biebuyck (1981: 13).

por eles. Os membros da *bwami* (associação não estritamente secreta, pois quem é circuncidado tem direito de participação) são chamados *bami*. Para ascender aos níveis hierárquicos da associação, uma série de ritos é necessária e o acesso aos níveis mais altos só acontece quando há um lugar vago. As mulheres também podem tornar-se membros, desde que sejam casadas

com homens já iniciados. Quando um membro morre ou passa para um grau mais elevado, seu lugar é ocupado por um adepto de um grau imediatamente inferior. Existem vários graus de iniciação, com vários subníveis.

Os graus mais altos são *yananio* e *kindi* entre os homens, e *bulonda* e *bunyamwa* entre as mulheres. A maior parte dos objetos de arte é



**Figs. 2 e 3.** Cabana ngolo. Neste exemplo, feita de palha e pertencente a um grupo pré-bembe, os bazyoba (pescadores do Lago Tanganyika). Biebuyck refere-se a ela como sendo sofisticada, devido à variedade de objetos em seu interior, tais como: utensílios para a produção de uma cerveja feita de banana, lenha, chapéu e pele de leopardo para aquecer durante o ritual de iniciação e até um pote de ferro contendo cogumelos. © Biebuyck (1981: 29). The Royal Museum of Central Africa, Tervuren, Belgium. Foto de Jules Loddewijckx. Na outra imagem, vemos um iniciado da bwami e um aspirante próximos à cabana de iniciação. © Biebuyck (1985-1986: pr. 6).

usada em rituais dos graus mais elevados. Todos são simbolizados por atributos específicos. Em um dos graus de *yananio*, são utilizadas figuras antropomórficas e zoomórficas, máscaras de madeira e algumas poucas colheres de marfim, por exemplo (Fig. 4).

Os níveis de *kindi* são privilegiados não só com figuras com traços zoomórficos (Fig. 5) e antropomórficos em marfim ou osso (Fig. 6), mas ainda com grande número e variedade de esculturas e máscaras (Figs. 7, 8 e 9), também empregadas nos graus de iniciação femininos (Biebuyck 1986: 28).

Muitas vilas têm somente um representante no grau mais alto, chamado *lutumbu lwa kindi*. Antes de começar a cerimônia de iniciação para os níveis hierárquicos mais altos (cf., por exemplo, Biebuyck 1986: 54 e pr. 12) um cesto (Fig. 10) contendo os objetos sagrados é levado a uma cabana especialmente construída para o ritual. Enquanto os hinos são entoados os candidatos esfregam óleo

de palmeira nas estátuas a fim de impregná-las com o poder da força vital. Fora da cabana, as pessoas que participam da cerimônia começam a cantar outras canções rituais e a dançar. Então, dois especialistas saem da cabana e cada um deles carrega uma estatueta. Ao final da cerimônia elas são colocadas uma de costas para a outra no centro do local onde as pessoas estão reunidas.

O caráter secreto da associação *bwami* e especificamente sua influência política causaram suspeitas nos administradores coloniais. A *bwami* foi combatida por funcionários da administração colonial e por missionários já no início de 1916 e declarada ilegal em 1948. Com a independência (em 30/6/1960), essa medida foi anulada, porém, a dissolução da *bwami* causou danos permanentes à arte lega, que nunca recobrou, na opinião de Cornet (1971: 258), a mesma intensidade em suas representações dos ancestrais.

Embora entre os legas a associação *bwami* seja dominante e tenha eliminado ou mesmo absorvido

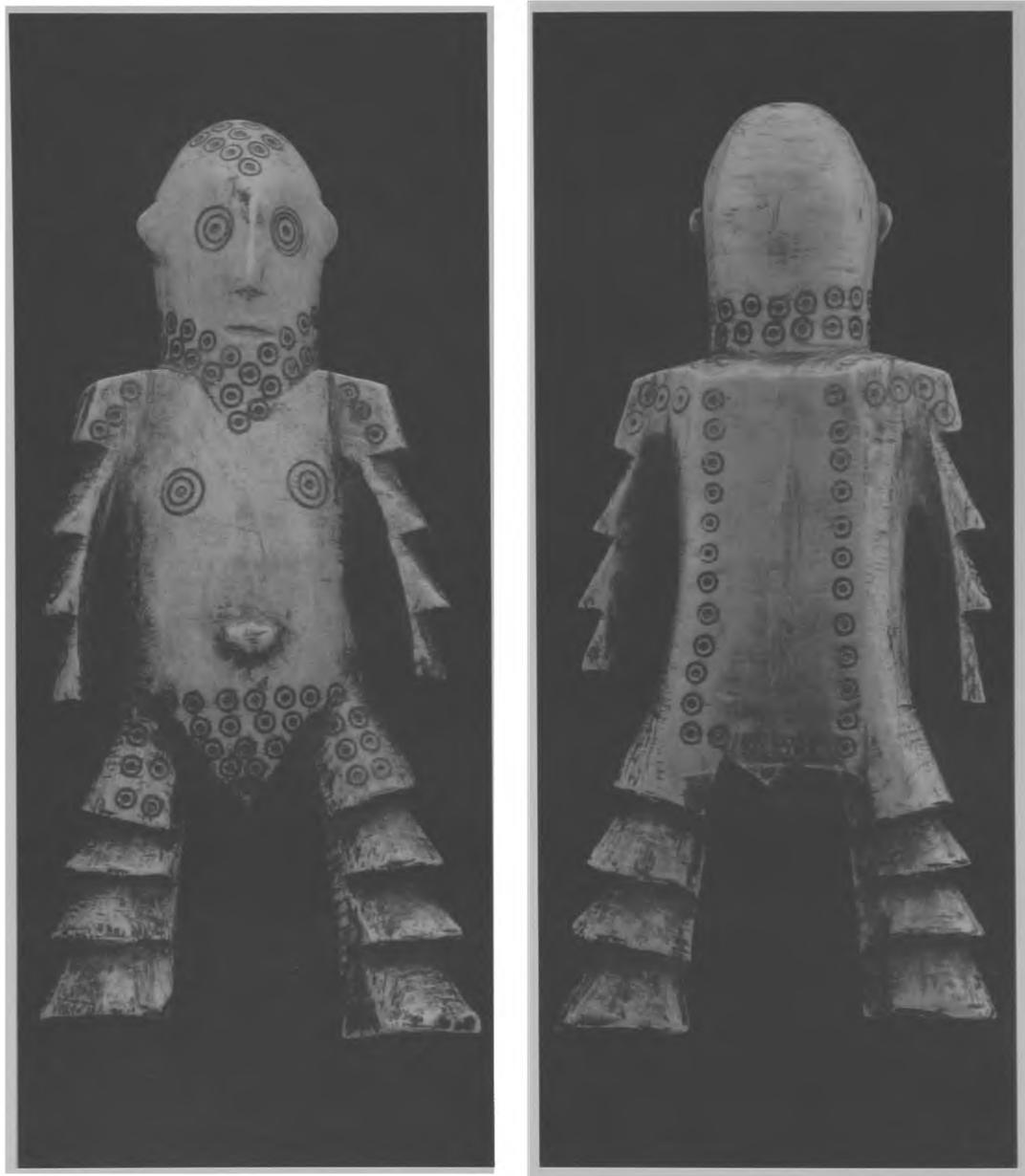


**Fig. 4.** Notam-se formas antropomórficas nessa colher lega e, embora possam lembrar um corpo feminino, essa característica não está evidenciada. Tanto que Joseph Cornet a considera com formas masculinas, embora não se possa afirmar. Sabemos que é utilizada por membros mais graduados da *bwami*, durante festas nas quais se celebram o pagolim, um mamífero encontrado na Ásia e na África – animal parecido com o tatu. Marfim, cerca de 16,5cm, lega. Coleção Carl Provost, Vermont © Cornet (1971: 280).



**Fig. 5.** Os animais têm uma grande importância na vida dos legas, como não poderia deixar de ser entre povos que habitam um meioambiente rico como o das florestas e no qual a caça é fundamental. Mas, além do valor nutritivo e econômico dos animais, eles se inserem num sistema de valor ritual: iniciação, tabus, simbolismo, aforismos etc. Os legas consideram o uso da figura da rã, kitende (nome genérico do animal, ou kituku/mutuku, um espécie em particular), como pertencente às suas mais antigas tradições. Ela é utilizada em rituais do grau ngandu ou kindi e aparece como a personagem de um aforismo. Emprasta sua imagem a um iniciado que possui temperamento diferente. Ele não toma parte em brincadeiras ou jogos: “Kitende kituku não brinca com crianças” (Biebuyck 1979: 81). Marfim, 15cm de comprimento e 7cm de largura. Le Musée Royal de l’Afrique Centrale. © Tresors D’Afrique (1995: 328).

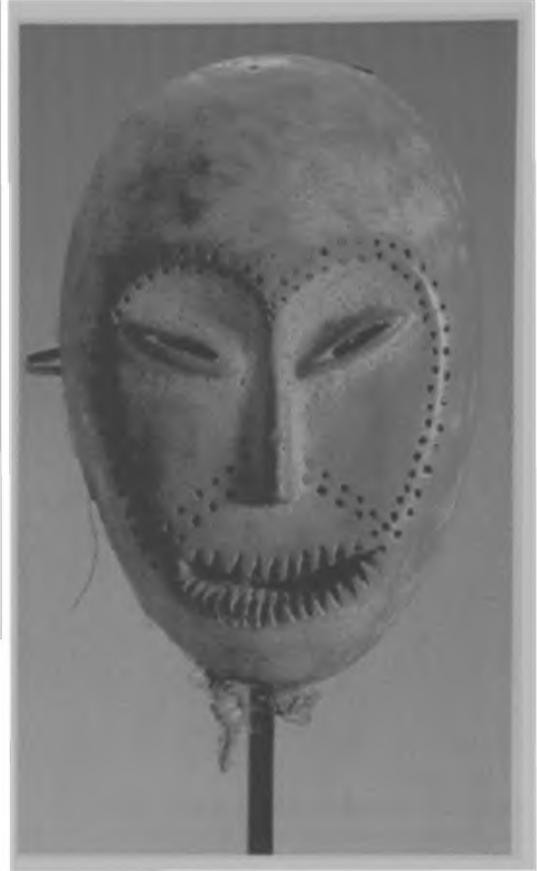
a maior parte de outras formas de iniciação (Biebuyck 1972: 18), entre os bembes a *bwami* comporta uma variedade de associações. Dentre elas está a associação *elanda*. Essa associação é constituída somente de homens jovens. O ingresso na *elanda* requer algumas regras: o indivíduo precisa ser jovem, mas também haver sido circuncidado; estar na condição de contrair matrimônio e não ter se graduado em nenhuma iniciação *bwami*. Os rituais têm lugar segundo determinados motivos, entre os principais estão: a vontade de um “espírito” ancestral expressa em sonho ou por meio de uma doença; o último desejo de um pai prestes a morrer; delito contra um membro ou à propriedade de um membro. As



**Fig. 6.** Muitas das esculturas com materiais e formas variadas, no geral medindo pouco mais de 11cm de altura, são as chamadas maginga, singular de iginga, ou “o que sustenta”, “o que não deixa cair”. O termo também é empregado, às vezes, para chamar a atenção das mulheres iniciadas (em certo grau da bwami) sobre o seu papel nos rituais e de seu caráter inviolável. As figuras maginga estão relacionadas ao grau de maior prestígio na associação, o kindi. A estátua tem um motivo ornamental composto de pontos e círculos nas faces e no dorso. Pelo catálogo da Sotheby's, ficamos sabendo que ela constitui uma das mais belas e raras estátuas legas de marfim: “Ela se distingue, por sua vez, pela raridade do tipo, o grande vigor da escultura, a intensidade da expressão e a beleza de sua ornamentação”. Marfim, 16cm. Coleção Jenö et Rosa Studer-Koch, Zurich. © Sotheby's (Paris, Lundi, 6 Juin, 2005: 36-37).



**Fig. 7.** Máscaras como essa, cuja matéria-prima é osso de elefante, são raras, principalmente por sua dimensão, maior do que máscaras desse tipo costumam ter. Segundo o catálogo da Sotheby's, é um objeto de prestígio, destinado a um renomado membro da bwami, de um grau elevado da associação, o lutumbo lwa kind. Porém, a iniciação na bwami não é só um meio de adquirir *status* social, mas funciona ainda como um sistema de aprendizado. E um deles é o chamado lukungu (crânio), nome também de algumas máscaras legas, como neste exemplo. Osso de elefante, 20cm de altura. Coleção Jenö et Rosa Studer-Koch, Zurich. © Sotheby's (Paris, Lundi, 6 Juin, 2005: 34-35).



**Fig. 8.** A designação genérica de máscaras como essa é lukwakongo, acepção também da concha polida de molusco associada ao grau de iniciação yananio. Os legas, no entanto, têm outros significados para o termo: lukwo significa morte, e -kongo, rastrear, como um caçador faz. Etimologicamente, como infere Biebuyck (1985-1986: 129), a máscara está ligada à morte, e, por extensão, a morte persegue a todos. Essa pequena máscara de madeira, com a forma da cabeça ovalada, o rosto cavado em forma de coração, a barba no queixo e pigmento branco, não é usada sobre a face. Em certos rituais os participantes mostram-na em grupo com outras máscaras, juntamente a danças e aforismos. E em outros essas máscaras podem ser carregadas na mão ou fixadas em chapéus ou suportes. Madeira, fibra de ráfia, pigmento, 30x20x8cm. © Phillips (1999: 301).

iniciações acontecem em uma casa, num clima envolto em muito segredo. Os iniciados formam um círculo ao redor da máscara de revelação *'elandá*. O evento é acompanhado de música e dança. Há a transmissão de conhecimento e de normas relativos à associação; pagamento de taxas e distribuição de bens aos iniciados. A organização das cerimônias de iniciação e a posse da máscara e de seus acessórios estão atreladas a grupos locais de mesma linhagem.

A máscara facial (Figs. 11 e 12), chamada *amgeningeni* ou *acwe*, é feita de casca de árvore e couro de cordeiro (posteriormente substituído por pano), ornamentada com cauris, contas

e enfeites de penas de galinha. Os acessórios incluem um chapéu feito de penas de peito de galinha com a borda de pele de cobra e penas; pequenos sacos em forma de chapéu adornados com barba de bode para cobrir as mãos e inúmeras



**Fig. 9.** Esta estátua chama-se kakulu ka mpito (sendo mpito o chapéu usado por iniciados mais velhos e feito de couro de macaco). Aqui, ela porta uma cabeleira de pele de macaco (mpito). Diz o aforismo lega que “o filho grande de Mpito morre de manhã cedo”. A figura representa um iniciado com problemas: fica doente ou morre por causa de sua mulher grávida e adúltera, weyinda (Biebuyck 1985-1986: 77). É também uma lembrança aos homens notáveis da bwami de que a prudência é uma virtude, pois, de acordo com a lenda, a pessoa nela retratada morreu após uma bebedeira. Madeira, pelo de animal, cerca de 35cm de altura. Coleção Jef Vander Straete, Lasne. © Cornet (1971: 259).

peles de animais. Servem como proteção e guia da máscara um escudo de madeira e uma faca de mesmo material com desenhos em branco e vermelho. A máscara *'elandá* não pode ser vista por não iniciados, e seu aparecimento, bem como a *performance* com a máscara, não ocorre publicamente. A máscara representa a força temida e oculta, na retaguarda da associação. Biebuyck (1972: 19) enfatiza: ela não é um ancestral, nem um espírito da natureza. É algo oculto, invisível, irreconhecível, indefinível. E,



**Fig. 10.** Objetos de iniciação são mantidos em sacolas ou cestos. Em geral, os cestos podem conter exúvia de animais, plantas, minerais, figuras antropomórficas ou zoomórficas de madeira, máscaras e outras esculturas (como, por exemplo, um braço de madeira, ou um minitabuleiro de jogo e outras partes de objetos). Os cestos, entre os legas, também estão associados a um ritual do grau lutumbo lwa yananio. E, nesse caso, em vez de esculturas trazem pedras, penas, capuz e manto feitos de fibra de casca de árvore e usados como disfarce. Embora a posse e uso do cesto estejam vinculados ao nome (e ao interesse) de uma linhagem de determinada comunidade, eles são frequentemente transferidos para um descendente direto, quando o seu proprietário passa ao grau kindi ou em razão de sua morte (Biebuyck 1985-1986: 24, 55). © www.metmuseum.org/toah/hm/02/af/hm02af.htm

para aqueles não versados nos seus mistérios, ela é terrificante, porque embora jamais seja vista sua voz misteriosa pode ser ouvida. Já para os que com ela estão familiarizados, a máscara proporciona o espírito de grupo e a solidariedade. E, acredita-se, fornece proteção aos membros contra doenças e perigos.

Mesmo oculta, ela exerce controle social a distância, e seus membros têm compromisso, em seu nome, de fazer cumprir a lei. Qualquer pessoa da comunidade está sujeita a obrigações e prescrições no momento da chegada da máscara. Cabe aos membros da *'elandá* aplicar multas por quebras de tabu e outras transgressões.

Já a associação *'alunga* – e os objetos a ela associados (Figs. 13 e 14), principalmente sua



**Figs. 11 e 12.** A máscara 'elanda (bembe) exerce controle social não aparente, mas os membros da associação têm a obrigação de respeitar suas regras. Todos estão sujeitos a elas quando a máscara chega à vila. Há imposição de multas por transgressões a determinados tabus e violações. Se alguém se nega ao pagamento de multas e a ser iniciado, os membros da 'elanda secretamente deixam sinais na porta da pessoa visada. Penas ou folhas de bananas secas funcionam como um ultimato. Fig. 11: madeira, pigmento e penas, 24cm © Neyt (1981: 306). Foto de Roger Asselberghs, Bruxelles. Fig. 12: couro, tecido, cauris, contas e penas, cerca de 25cm © Biebuyck (1972: v. 3, 18).

máscara – restringe-se a alguns clãs entre os bembes (boyo, bakwamamba, bakwakalanga) e, segundo suas tradições, foi introduzida pelos basi'alangwas –, estes por sua vez atribuem seu aprendizado e assimilação da 'alunga a grupos de caçadores conhecidos como bahongas e basi'elukwes, ainda em existência no sudeste do território bembe, como relata Biebuyck (1972: 76).

Amedrontados por sua voz profunda e rascante, fascinados por sua música e dança, os basi'alangwa conseguiram se iniciar nos segredos da 'alunga e foram capazes de transferir seus conhecimentos para outros grupos vizinhos. Para os bahonga, a máscara 'alunga é “um protetor do mel”, e ajuda a estabelecer o controle sobre a produção desse alimento. Já os bembes vêem a 'alunga como algo oculto, misterioso, irreconhecível. A isso eles denominam 'ebu'a ou ainda m'ma, significando um espírito ancestral da mata (Biebuyck 1972: 77). Esse ser,

diferentemente de tantos outros espíritos menores da natureza, chamados *biseko*, não possui um abrigo em locais específicos, como um rio ou montanha, e no momento da iniciação a máscara “fala” aos iniciados: “'alunga não é um homem, mas uma coisa, algo vindo do mato, algo de um tempo remoto, algo muito poderoso e que inspira pavor. Nunca profane seus mistérios ou você morrerá” (Biebuyck 1972: 77).

Como bem observa Biebuyck, para nós, ocidentais, a 'alunga aparenta ser um sistema de iniciação e uma associação semissagrada, da qual fazem parte membros especializados, com certos atributos e privilégios, à semelhança do ocorre nas sociedades ocidentais. A grande diferença está de um lado na aceitação que associações similares quase sempre obtiveram em nossas sociedades e de outro na intolerância com que essas mesmas sociedades encaram as tradições e costumes de outros povos, mesmo quando



**Fig. 13.** As figuras chamadas kalunga (ou 'alunga entre os bembes) são, segundo Cornet (1971: 231), objetos ligados aos ancestrais, pois representam o segundo filho do fundador de uma linhagem. Madeira, cerca de 22cm. Coleção René Vander Straete, Brussels. © Cornet (1971: 229).

aparentados aos seus. A exemplo da associação 'elandá (dissolvida em 1940), a 'alunga também foi dissipada pela administração colonial, em 1947. Ambas sob a alegação de que constituíam práticas não civilizadas, além de ameaçarem a paz e a ordem pública (Biebuyck 1972: 18, 77). As restrições e penas rigidamente impostas pela administração colonial às associações e seus membros tornaram impossível a observação das atividades nas quais a máscara 'alunga e seus adeptos se envolviam. Na ocasião das pesquisas de campo empreendidas por Biebuyck (nas décadas de 1940-50) quase nada restava da associação e, se havia alguma manifestação, era mantida em sigilo absoluto.

Mas sabemos que os eventos da 'alunga centravam-se ao redor de quatro locais: a caverna (*lwala*), seu lugar permanente na mata distante, onde é mantida quando não há iniciação ou



**Fig. 14.** A máscara-capacete 'alunga oculta o rosto do mestre de cerimônia durante o ritual de circuncisão e na ocasião de grandes caçadas. Antes da partida, o sangue de uma galinha é vertido sobre o altar da 'alunga, com o intuito de reunir as forças necessárias a uma caça bem-sucedida. Madeira e pigmento, 45cm de altura. Foto de Hughes Dubois, Bruxelles-Paris. © Arts d'Afrique (2000: 77).

dança; o altar (*lutanda*) (veja um tipo de altar na Fig. 15), localizado fora da vila para onde é trazida nessas ocasiões e também vestida antes da *performance*; a casa dos homens (*lubunga*), em que a máscara fica em certas datas especiais; a vila propriamente dita e a extensão de mata entre o *lutanda* e ela, onde será usada por um dançarino acompanhado de seus acólitos. Esse dançarino também tem a função de tomar conta da caverna, de mantê-la em segredo e proibida ('*elendo*) a mulheres e crianças e aos não iniciados, que jamais podem ver a máscara fora de uso (Biebuyck 1972: 77, 78).

Nos arredores da caverna também são praticados ritos expiatórios em benefício da caça e contra doenças. Nesses eventos, os ancestrais e os espíritos da natureza a eles ligados são invocados e apaziguados para se obter o sucesso almejado. Além disso, observa Biebuyck (1972:

78), nessas ocasiões pode acontecer de um jovem ser iniciado para fortalecer a reconciliação com o supranatural. Durante o ritual, uma cabra e uma galinha são sacrificadas e seu sangue é aspergido nas penas e na máscara. Se consecutivamente uma caçada for organizada, a máscara será levada até a casa dos homens a fim de transformar *'alunga*, o poderoso espírito da mata, em uma força de potência mais amigável. A máscara, quando da iniciação de novos membros, é levada até a cabana do templo, onde é “montada” e vestida em grande segredo pelo dançarino. Nessas iniciações, a máscara é tida como onipresente entre os jovens. Eles brincam de pique-esconde e são repentinamente interrompidos pela súbita presença do mascarado.

A apresentação da máscara na vila se dá mediante alguns procedimentos. Primeiro, ela é levada em procissão até a vila e então tem início uma sequência de danças acompanhadas do som de instrumentos de percussão (como, por exemplo, na Fig. 16) e cantos proverbiais. Os membros formam um círculo em torno da máscara e entoam os cantos. A dança é constantemente interrompida, e nesses intervalos a máscara expressa seus desejos e torna manifesto o propósito da associação (Biebuyck 1972: 78).

Todas as atividades da *'alunga* se concentram na máscara em forma de sino (*ibulu lya alunga*), com seu grande chapéu de penacho e espinhos de porco-espinho (*'ehala*), a longa indumentária de fibras (*'asamba*) acompanhada da podeira (*ibemba*)



**Fig. 15.** Os altares são ainda utilizados para culto privado aos ancestrais, pelos homens tanto quanto pelas mulheres. Os homens veneram o “espírito” do pai morto, do avô paterno e da avó paterna (em alguns casos). As mulheres habitualmente veneram o “espírito” da mãe morta, da avó paterna e de seu marido. Esses cultos acontecem mediante a vontade expressa do morto, por meio de sonho ou de uma doença. O culto ocorre ao redor de um altar, feito comumente de uma mesa, um cercado ou uma pequena cabana. É construído nas proximidades da casa do proprietário. Porções de alimento e exúvia são colocados no altar, mas raramente objetos permanentes. Uma vez que os ancestrais são também forças dirigentes ocultas no trabalho dos espíritos da natureza, alguns altares incluem pedras das montanhas e dos rios. Os altares podem ter ainda uma termitária em forma de cogumelo, a mandíbula do primeiro búfalo caçado, assim que o altar foi construído, e lâminas usadas para percussão durante as invocações. Em algumas localidades, os bembes costumam colocar entalhes rústicos no altar (Biebuyck 1981: 24-26). The Royal Museum of Central Africa, Tervuren, Belgium. © Biebuyck (1981: 26).



**Fig. 16.** Instrumento de percussão com forma antropomórfica (bembe). Usado em conjunto de cinco, cada um produz um tipo de som. Instrumentos como esse são considerados sagrados e utilizados somente durante rituais de iniciação. Madeira (Córdia), cerca de 1, 23m. The Royal Museum of Central Africa, Tervuren, Belgium. © Biebuyck (1981: 142).

(como se vê nas Figs. 17 e 18) – e o chifre de búfalo em vermelho e branco (do qual não há reprodução de imagem em Biebuyck 1972).

Os rituais de circuncisão remontam às mais antigas tradições dos bembes e, segundo seus relatos, provêm da época em que habitavam a terra dos legas, de onde trouxeram consigo esse aprendizado. Embora a prática tradicional da circuncisão fosse de grande importância, nos anos 1960 (Biebuyck 1972: 79) seus rituais quase não existiam mais, principalmente em função de ingerências governamentais e missionárias.

De acordo com a tradição dos bembes, a circuncisão é realizada em jovens de idade variada. Em geral, porém, destina-se a jovens de dezoito a vinte anos. Após a operação, os jovens ficam reclusos numa cabana na mata, até durante um ano. Os bembes reconhecem duas práticas circuncisórias: uma sem uso de máscara, *butende bwa silamo*, e outra, *butende bwa 'eluba*, com o emprego de um tipo de máscara, denominada *'emangungu*. Mas Biebuyck (1972: 80) adverte que a presença de máscaras como essa entre os bembes é rara e são pouquíssimo utilizadas. Segundo relata, as fontes da *'emangungu* permanecem obscuras. O próprio Biebuyck encontrou um exemplar em meio a um grupo de origem não bembe. Além disso, a máscara guarda muitas semelhanças estilísticas e morfológicas com a *'alunga*.

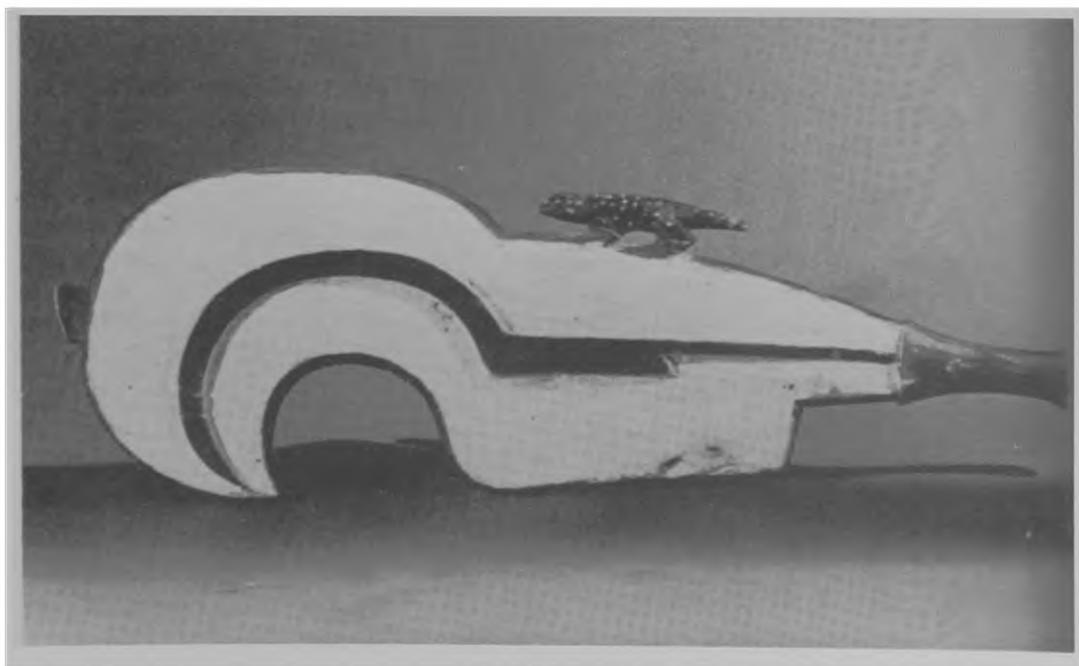
Um dos modos de usar a *'emangungu* é atada a um pequeno chapéu em forma de cone, feito de cascas de banana, ou então presa na extremidade superior de uma vestimenta composta de folhas e cascas de banana, que o circuncidado veste sobre o corpo nu. Mostramos a seguir dois exemplos dessa máscara (Figs. 19 e 20).

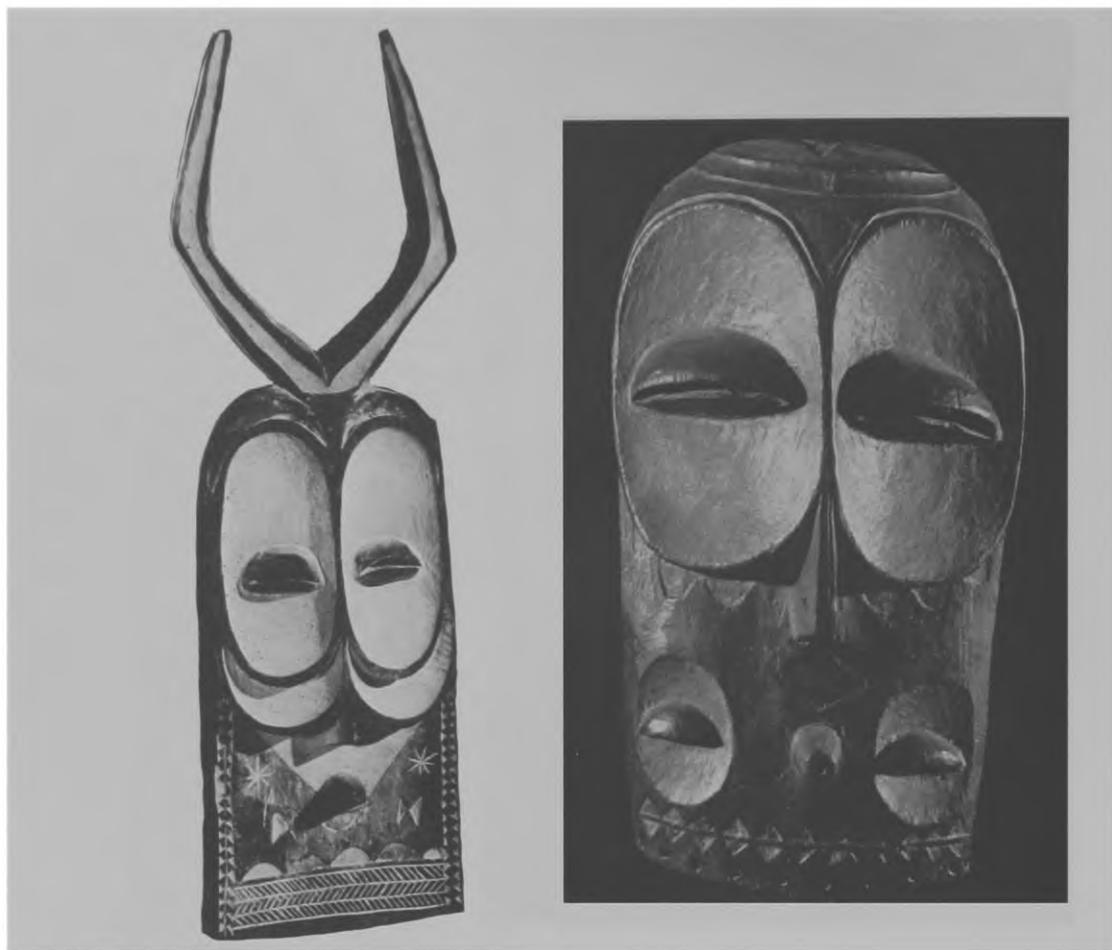
## Conclusão

Pelo exposto neste trabalho, podemos concluir que associações como *bwami*, *'alunga*, *'elandá* e *butende* se estabelecem por princípios ideológicos pelos quais se regem as normas da coletividade. Nesse contexto, os iniciados tomam contato com objetos sagrados, que funcionam como veículos de conceitos, valores e história de seu grupo social, fazendo com que a arte desempenhe um papel considerável ao expressar o peso das mudanças pelas quais o indivíduo está passando, como pessoa e como



**Figs. 17 e 18.** A arte de criar a máscara 'alunga (bembe), conforme diz Biebuyck (1972: 78, 79), é passada de pai para filho. A máscara é esculpida em madeira ngomangoma (Córdia), e o artista fica isolado na mata para fazê-la. A cada dia ele se desloca para um novo lugar. Leva ao todo quatro dias para executá-la. O artista deve se abster de contato sexual nesse período, pois se por ventura uma criança for concebida, ela nascerá com a cabeça "monstruosa" da máscara. A podeira é usada por outro membro, que serve de guia ao dançarino – esta com a figura de um camaleão no dorso, provavelmente o animal com o qual o iniciado se identifica. Objeto monóxilo em forma de sino, policromado, com fibras naturais, cerca de 50cm de altura. Podeira de madeira policromada, com cerca de 60cm de comprimento. © Biebuyck (1972: v. 3, 14 e 15).





**Figs. 19 e 20.** Lema Gwete (1995: 298) afirma que a localização territorial dos bembes, fora do eixo de penetração europeu, fez com que eles fossem ignorados até o início da colonização. Os povos europeus a entrar em suas terras naquela época não deixaram registro de que tenham conseguido se aproximar ou mesmo “olhar” suas esculturas. O desconhecimento e até certo desinteresse pelas esculturas desse povo, quando de sua introdução nos museus europeus, foram responsáveis pela identificação tardia de sua arte. Daí também a raridade de alguns objetos, tais como as máscaras do ritual butende. Butende bwa 'eluba é uma cerimônia de circuncisão à qual estão associadas algumas poucas máscaras denominadas 'emangungu. Elas são colocadas no topo de uma vestimenta feita de folhas de bananeira, que os jovens circuncidados vestem. Biebuyck (1972: 80) afirma que apenas um número reduzido de grupos entre os bembes usa essas máscaras e suas origens permanecem obscuras, uma vez que estilística e morfologicamente são parecidas com as máscaras 'alunga, da qual constituem versões simplificadas. Fig. 19: Madeira policromada, cerca de 70cm. © Biebuyck (1972: v. 3: 12). Fig. 20: Madeira, 47cm © Neyt (1981: 308).

parte da comunidade. Na iniciação, ele aprende vividamente os fatos de sua cultura, no momento em que é estimulado a pensar sobre outros indivíduos, relacionamentos e características do seu meio.

Desse modo, é possível supor que entre bembes e legas o universo material está vinculado ao espiritual, e essa junção está presente em todas as esferas da atividade humana e social, nas quais o cultivo da herança sociocultural é essencial.

ROCHA, M.C. A The Art of Bwami and Correlated Associations. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 8: 95-109, 2009.

**Abstract:** Bwami is an association of political and religious character among lega and bembe societies, located in southeast R. D. of Congo. The bwami association has its origin in the traditions of lega and related groups. It exists both in lega and bembe territory and is founded on the same structural principles, but with significant differences in nomenclature, rules of organization and types of accessories and objects used in rituals of initiation. Here we present a study of material production related to rituals of initiation within bwami and similar associations. This study is based on the works of Daniel Biebuyck, an expert in the subject.

**Keywords:** African art – Material culture – Bwami association – Alunga association – Elanda association

### Referências bibliográficas

- ARTS D'AFRIQUE.  
2000 Paris: Musée Dapper: Gallimard.
- BIEBUYCK, D.  
1972 Bembe Art. *African Arts*, Los Angeles, 3(V):12-19.
- BIEBUYCK, D.  
1979 The Frog and Other Animals in Lega Art and Initiation. *Africa-Tervuren*, 3 (XXV): 76-84.
- BIEBUYCK, D.  
1981 Statuary of the pre-Bembe Hunters: *Issues in the Interpretation of Ancestral Figurines ascribed to the Basikasingo-Bembe-Boyo*. Tervuren: The Royal Museum of Central Africa.
- BIEBUYCK, D.  
1986 *The Arts of Zaire*. Berkeley, Los Angeles, University of California Press, London.
- BIEBUYCK, D.  
1995 Figure de grenouille kitende. In: *Trésors d'Afrique*. Tervuren: Musée Royal de l'Afrique Centrale: 382.
- CORNET, J.  
1971 *Art of Africa: Treasures from the Congo*. New York: Phaidon Publishers.
- GWETE, L.  
1995 Les Bembe [...] In: *Trésors d'Afrique*. Tervuren: Musée Royal de l'Afrique Centrale: 298.
- NEYT, F.  
1981 *Arts Traditionnels et Histoire au Zaïre*. Bruxelles: Société d'Arts Primitifs / Institut Supérieur d'Archéologie et d'Histoire de l'Art / Université Catholique de Louvain.
- ROBERTS, A. F.  
1990 Initiation, art and ideology in Southeastern Zaire. In: ROY, C. D. (Ed.). *Art and initiation in Zaire*. [Iowa]: University of Iowa: 7-34. (Iowa studies in African art: the Stanley Conferences at University of Iowa, v. 3).
- SOTHEBY'S.  
1999 *Important African and Oceanic Art*. New York: Sotheby's.
- SOTHEBY'S.  
2005 *Art Africain et Océanien*. Paris: Sotheby's.
- TRESORS d'Afrique.  
1995 Tervuren: Musée Royal de l'Afrique Centrale.
- TURNER, V.  
1967 *The Forest of the Symbols – Aspects of Ndembu Ritual*. Ithaca: Cornell University Press.

Recebido para publicação em setembro de 2007.